

SAC. PEDRO VIECELI

4-6-1855

16-IV-1943

Concedeu-lhe Deus o dom da longevidade, pois, morreu sendo o mais idoso de toda a nossa inspetoria, contando 88 anos, 46 de sacerdócio, 45 de missão, dos quais, os primeiros dez os transcorreu na Inspetoria de Maria Auxiliadora.

Abriu seus olhos à luz em Fonzaso, (Belluno-Itália) em seio a uma ótima e patriarcal família, onde trabalhou até à virilidade, esperando o momento oportuno para realizar o desejo que vinha há tempo acentuado, de ser um dia religioso e sacerdote.

Eis que um belo dia, abandonou casa e parentes, e percorreu a pé a não breve distância que medeia entre Belluno e Veneza, trabalhando durante a viagem, para ganhar o sustento. Contava 25 anos.

Tudo abandonara para seguir o Senhor: Em Veneza apresentou-se ao convento dos Franciscanos onde logo foi aceito. Seria um ótimo irmão leigo, portanto, sempre benvindo a uma casa do Poverello. Assim, porém, não pensava nem desejava o nosso Viecelo. Queria ser padre, rezar a Missa, e para isto abandonara casa e parentes. Mas, com 25 anos, onde seria aceito para iniciar os estudos? O seu lindo sonho de apostolado sacerdotal, para cuja realização tudo deixara, na flor de sua virilidade, ia esboroar de encontro ao obstáculo da idade. Eis senão quando ouve que, em Mogliano Veneto, Dom Bosco fundara uma casa onde eram aceitos adultos para os estudos eclesiásticos. Lá vai êle todo contente, e, quem lhe abre os braços e o coração paterno, é o grande Don Mosé Veronesi, o salesiano simples e

bom, todo compreensão, simplicidade e bom senso. É D. Mosé que o auxilia e anima nas primeiras grandes dificuldades do início da nova vida e o prepara para o noviciado, que fará a Foglizzo no ano de 1888 com 33 anos de idade.

Feita a profissão religiosa, volta a Mogliano onde desempenha várias mansões e, dentre elas, com especial competência, a de enfermeiro. Entretanto preparava-se para as Ordenações com os estudos teológicos.

Recebeu o Presbiterato em Turim no ano de 1897 e lá ficou, como enfermeiro particular do Servo de Deus André Beltrami, cuja gloriosa e santa memória era pelo venerando velho exaltada com justa ufânia! Certo dia, o Pe. Beltrami pediu ao Pe. Vieceli que o acompanhasse ao Oratório. Apenas entrados na Basílica de Maria Auxiliadora disse o santo doente ao enfermeiro: "Queira ir ter com D. Rua e dizer-lhe que vim agradecer à Virgem por ter ouvido o meu pedido de me dar esta doença".

No mesmo ano de sua ordenação, com o pranteado Padre Peretto chegou ao Brasil, onde, durante dez anos trabalhou em várias casas da Inspetoria de Maria Auxiliadora, especialmente em Lorena.

Chegou ao Mato Grosso em 1907 e trabalhou com zelo no mistério sacerdotal, especialmente na desobriga que, no sertão e especialmente naquêles tempos idos, requeria grande resistência e vigor e espírito de sacrifício a toda prova. Mesmo já muito avançado em anos estava pronto a montar a cavalo e, passar dias e mais dias viajando em visita a fazendas e choupanas perdidas na imensidão do sertão.

Contava 85 primaveras quando fez a última viagem apostólica. Prova de sua robustíssima fibra que, porém, o não isentou dos inevitáveis achaques da velhice que ele os soube suportar com uma força e resistência tais

que, a maior parte dos que com êle conviviam, passaram desapercebidos. Os últimos anos passou-os em Sandadouro.

Era a alegria dos clérigos durante os meses de férias que lá passavam. Grandes olhos azuis longa e veneranda barba branca, uma imponente calva emoldurada por longos cabelos brancos, parecia o profeta Moisés. O português que êle falava, era uma agradável mistura de italiano, castelhano e língua nacional, que tornavam sumamente interessante suas anedotas e aventuras de viagens. Amava a natureza e tinha o pobre quarto cheio de pedras, a que êle dava o pomposo nome de calcedônias. Velho, com a vista enfraquecida, passava os dias a proucarar para êle preciosos minerais e no quarto, impenetrável mais que o Sancta Sanctorum do antigo templo, limava horas a fio, até que a "sua" calcedônia, ostentasse os veios que a tornavam preciosa.

Tinha uma voz possante e afinadíssima de baixo. Nas festas, era tradição, à sobremesa levantava-se o Pe. Pedro e, com o copo na mão que apesar da idade não tremia, cantava um brinde por êle composto para festejar a chegada do saudoso D. Malan à sede da Prelazia, Registro do Araguaia.

O que muito edificava no venerando velho era o espírito de pobreza e mais ainda, a exata observância da vida de comunidade. Até seis dias antes da morte, nunca faltou as práticas de piedade em comum; por nenhum motivo dispensava-se de qualquer prática mesmo se o Superior o convidava a usar-se maiores cuidados devido a idade avançada e aos males que o afligiam.

O sábado anterior à Dominga da Paixão, viveu ainda com a comunidade. No domingo, porém, os irmãos vendo seu estado de saúde muito grave, o obrigaram a deixar a rôde e a deitar-se num leito. Há dois anos vinha notando uma grande inchação nas pernas e nos pés, mas isso não o deixara nem impressionado, nem apreensivo. Nos últimos dias, porém, uma perna tornara-se uma só ferida causando-lhe muitas dores.

O patrairca que visivelmente ia se apagando, recebeu com grande piedade os últimos sacramentos e, circundado pelos irmãos que rezavam, plácidamente descansou no Senhor.

Os funerais do "Padre Velho", como era chamado, foram simples, porque nas Missões não há pompas, nem durante a vida nem depois da morte. Há orações, muitas orações, e, acima de tudo, a esperança da recompensa que a misericordiosa bondade do Senhor dá aos seus missionários.